

Adolescentes trabalhadores: estratégias de *coping* e concepções acerca de sua situação laboral

Adriane Xavier Arteche

Denise Ruschel Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

A presente pesquisa comparou adolescentes em dois distintos regimes de trabalho, avaliando a opinião dos mesmos e de seus familiares sobre o trabalho, bem como as estratégias de *coping* utilizadas pelos jovens para lidar com dificuldades no trabalho. A amostra foi composta de 116 jovens (58 trabalhadores em regime regular e 58 trabalhadores em regime educativo) entre 14 e 17 anos de idade. Os instrumentos utilizados foram um questionário demográfico e uma entrevista semi-estruturada de *coping*. Os resultados demonstraram que a maior parte dos adolescentes, de ambos os grupos, utiliza com principal estratégia de *coping* a modificação do estressor, assim como considera que trabalhar é bom pelo retorno financeiro. Entretanto, ainda que a maior parte das famílias dos jovens em regime de trabalho regular considere a experiência laboral também uma fonte de renda, a maioria dos familiares dos jovens em regime educativo consideraram o trabalho uma forma de aprendizado.

Palavras-chave: *coping*; adolescentes; trabalho; projetos sociais; estudo quase-experimental.

ABSTRACT

Working adolescents: coping strategies e conceptions about their jobs

The present research compared adolescents in two different work systems, evaluating the opinion of the adolescents and their families about work, investigating the coping strategies used by the adolescent. The sample was composed by 116 adolescents between 14 and 17 years old (58 workers in regular system and 58 workers in educational system). The instruments used were a demographic questionnaire and a semistructured interview about coping. The data indicated that most of the adolescents, in both groups, used the stressor modification as main coping strategy, while evaluated their work favorably because of the financial return. However, though most of the families of adolescents in the regular system considered the working experience as a financial resource, most of the families of adolescents in the educational system stressed the educational aspect of the working experience.

Keywords: coping; adolescents; work; social projects; quasi-experimental study.

O conceito de *coping*¹, embora tenha suas primeiras referências datadas dos anos 40, somente a partir da década de 60, e especialmente após os estudos de Lazarus e Folkman, passou a ser objeto de um maior número de pesquisas e publicações (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998; Carver & Scheier, 1994), tornando-se, a partir de 1980, um conceito-chave no estudo de diferentes abordagens psicoterápicas e de programas educacionais e sociais (Lazarus & Folkman, 1984).

Dentre os diferentes modelos explicativos do *coping* destaca-se o “Modelo de Processamento de Stress e Coping”, desenvolvido por Lazarus e

Folkman (1984) segundo o qual *coping* consiste nos constantes e mutáveis esforços cognitivos e comportamentais para lidar com demandas internas e externas, avaliadas pelo sujeito como excedendo seus recursos pessoais.

As estratégias de enfrentamento da situação estressante – denominadas estratégias de *coping* – são definidas como ações, comportamentos e pensamentos utilizados para lidar com o estressor (Folkman, Lazarus, Gruen & De Longis, 1986). Tais autores, a partir de estudos empíricos sem categorias *a priori*, dividiram as estratégias em duas grandes categorias: estratégias de *coping* centrado na emoção e estratégias de *coping*

centrado no problema. Esta categorização, no entanto, não tem sido aceita unanimemente entre os pesquisadores, o que tem resultado em inúmeros estudos. Ryan-Wenger (1992), buscando diminuir tais diversidades, elaborou uma taxonomia para as estratégias infantis de *coping*. Foram, definidas quinze categorias, mutuamente exclusivas: ação agressiva, evitação comportamental, distração comportamental, evitação cognitiva, distração cognitiva, resolução cognitiva, reestruturação cognitiva, expressão emocional, aceitação, busca de informação, isolamento, autocontrole, apoio social, apoio espiritual e ação direta (modificação do estressor). Esta categorização revelou-se válida também em um estudo com crianças e adolescentes brasileiros realizado por Dell'Aglio (2000).

As propostas de Ryan-Wenger (1992) e Dell'Aglio (2000), embora resultem em um maior número de categorias, o que pode dificultar determinados tipos de análises estatísticas, parecem representar com maior fidedignidade a realidade de crianças e adolescentes (Dell'Aglio & Hutz, 2002). Por esse motivo, o presente estudo utilizará essas categorias *a priori* para a análise das estratégias de *coping*. Salienta-se que, neste estudo, todas as análises referentes ao conceito de *coping* serão realizadas a partir das estratégias – que avaliam a resposta do participante a determinado evento – e não estarão sendo considerados os estilos de *coping* que requerem a avaliação da forma típica de resposta do participante a qualquer evento que lhe ocorra.

No “Modelo de Processamento de *Stress* e *Coping*”, de Lazarus e Folkman (1984) embora haja o reconhecimento de que há uma tendência a uma certa manutenção de estratégias comuns a cada sujeito, os fatores ambientais possuem relação importante com a escolha da ação que será empregada. Alguns estudos corroboram este modelo, uma vez que as questões situacionais parecem ser especialmente relevantes na escolha da estratégia de *coping*. A utilização de estratégias de *coping* ativo, por exemplo, encontra-se inversamente relacionada ao julgamento sobre o quão estressante é a situação (Lees & Neufeld, 1999), bem como à percepção de incontrolabilidade do evento (Folkman & Lazarus, 1985; Folkman, Lazarus, Gruen & De Longis, 1986; Griffith, Dubow & Ippolito, 2000; Olah, 1995; Roth & Cohen, 1986).

Além de questões situacionais e disposicionais, os estudos sobre *coping* têm enfatizado o desenvolvimento infantil e adolescente (Ayers, Sandler, West &

Roosa, 1996; Compas, Malcarne & Fondacaro, 1988; Dell'Aglio & Hutz, 2002). As estratégias de *coping* têm sido entendidas como passíveis de aprendizado, especialmente na adolescência, quando as habilidades intelectivas atingem seu ápice e as questões de personalidade ainda não estão totalmente definidas (Landa-zabal, 2001). No entanto, independente do envolvimento do jovem em atividades que contribuam para a ampliação de seu repertório de estratégias, entende-se que existam mudanças significativas nas estratégias de *coping* no curso do desenvolvimento (Carson & Bittner, 1994; Williams & De Lisi, 2000).

As diferenças dentre as próprias fases da adolescência foram salientadas por Williams e De Lisi (2000). Os pesquisadores estudaram 109 jovens nas três etapas da adolescência – inicial, intermediária e final – e encontraram que os adolescentes mais jovens mostraram-se mais otimistas, com uma preferência por estratégias de reavaliação, nas quais o foco está no aspecto positivo advindo do estressor. Aqueles na etapa intermediária apresentaram uma preferência por estratégias mais ativas, como solução do problema e autocontrole, embora tais estratégias tenham sido agregadas ao repertório já existente na adolescência inicial, sugerindo que estratégias de *coping* não são substituídas, mas somadas – resultado que corrobora os achados de Carson e Bittner (1994). Por fim, os autores (Williams & De Lisi, 2000) destacaram que jovens na etapa final deste período do desenvolvimento utilizam, com frequência significativamente superior aos mais jovens, a estratégia de busca de apoio social.

Um outro aspecto que tem sido seguidamente referido como importante na escolha da estratégia a ser empregada por adolescentes são as questões diferenciais de gênero (Compas, Malcarne & Fondacaro, 1988). Blanchard-Fields e Irion (1988) não encontraram diferenças nas estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes masculinos e femininos nos diferentes contextos (escola, trabalho e relacionamentos interpessoais). No entanto, a maior utilização, pelas mulheres, de estratégia de *coping* centradas na emoção e de evitação é um resultado que perdura em pesquisas realizadas com amostras adultas (Endler & Parker, 1990). É possível que o contexto em que se dá o evento estressor seja um preditor mais importante do que o próprio gênero.

Ao falar sobre *coping*, entende-se como contexto o ambiente social amplo em que ocorre o evento estressor, por exemplo, a escola, a família, o trabalho. Den-

tro de um contexto, no entanto, têm-se diversos domínios, que se referem às relações interpessoais diretas que se passam nos contextos. Assim, por exemplo, na escola têm-se os domínios colegas, professora, diretora; no trabalho, têm-se os domínios chefe e colegas. Em adolescentes brasileiros, considerando-se a especificidade do trabalho nas classes populares, Sarriera (1993) salienta as diferenças nas estratégias de *coping* frente ao contexto trabalho, uma vez que jovens empregados e desempregados diferem no tipo de estratégia empregada para solução de problemas. Diferenças nas estratégias de *coping* foram reportadas também por Hansen e Jarvis (2000) no estudo realizado com adolescentes empregados regularmente e adolescentes empregados com pelo menos um dos pais. Os pesquisadores encontraram que, embora a diferença entre os grupos não tenha sido estatisticamente significativa, aqueles jovens que trabalhavam em um ambiente familiar referiram um maior número de estratégias de *coping* ativo, como ação direta. Percebe-se assim a necessidade de um maior número de estudos a fim de confirmar ou refutar a existência de diferenças entre as estratégias de *coping* utilizadas por jovens trabalhadores em diferentes ambientes.

Buscando suprir esta lacuna e avançar no entendimento acerca das estratégias de *coping* o presente estudo teve como objetivo avaliar, em adolescentes, a influência do trabalho na variável *coping*. Para tanto foram participantes da presente pesquisa dois grupos distintos de adolescentes trabalhadores: adolescentes trabalhadores em regime educativo e adolescentes trabalhadores regulares. A atividade profissional denominada trabalho educativo foi proposta a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e é entendida como aquela na qual as exigências pedagógicas prevalecem sobre a questão produtiva. Procura promover, assim, o desenvolvimento global do jovem e deve estar inserido necessariamente dentro de um projeto social. Este modelo pode ser aplicado por entidades não governamentais, por empresas públicas ou privadas. A maior parte dos projetos possui objetivos bastante específicos decorrentes da sua área de atuação, como, por exemplo, o aprendizado de computação, de culinária ou de atendimento ao público. Grande parte possui também objetivos chamados básicos,

como o resgate da cidadania, a melhoria nas relações com a família e com os amigos, o aumento da autoconsciência e do conhecimento sobre sexualidade e drogas, atingidos através de oficinas e trabalhos direcionados com profissionais da psicologia, educação e serviço social, por exemplo.

O grupo de adolescentes em regime de trabalho regular foi formado por aqueles que exerciam atividade economicamente remunerada na economia regular ou irregular, legais ou não, no exercício de suas funções. A partir das possíveis diferenças e similaridades entre os jovens de regime regular e regime educativo, os objetivos específicos deste estudo foram:

- verificar se existem diferenças entre os dois grupos de adolescentes trabalhadores no que diz respeito aos aspectos referentes ao trabalho: opinião do adolescente e de sua família sobre o fato de ele trabalhar;
- verificar se, entre os adolescentes trabalhadores dos dois regimes de trabalho distintos, existem diferenças no que diz respeito aos aspectos referentes ao *coping*: tipo de evento estressor relatado, domínio, ação efetiva e controlabilidade do evento estressor.

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo foi constituída de 116 adolescentes, de ambos os sexos, 65 meninos (56%) e 51 meninas (44%), com idades entre 14 e 17 anos (média = 15,9, $dp = 0,9$), que freqüentavam escolas públicas da cidade de Porto Alegre (escolaridade média 8^a série, $dp = 1,6$). Os participantes foram divididos em dois grupos, conforme a situação laboral: adolescentes trabalhadores em regime de trabalho educativo ($n = 58$) e adolescentes trabalhadores em regime regular ($n = 58$). Em função dos projetos sociais que oferecem trabalho educativo estarem direcionados para adolescentes em situação de risco social, o grupo de regime regular foi pareado tendo como referência características sociodemográficas semelhantes. Estas podem ser observadas na Tabela 1.

Tabela 1: Características Sociodemográficas dos Adolescentes Trabalhadores

		Trabalho Educativo	Trabalho Regular
		%	%
Faixa Etária	14 anos	5,1	8,6
	15 anos	32,7	10,3
	16 anos	39,6	37,9
	17 anos	22,4	43,1
Sexo	Masculino	62	50
	Feminino	38	50
Tem Filhos	Sim	0	6,9
	Mãe	77,6	84,5
Com Quem Mora	Pai	53,4	46,6
	Irmãos	67,2	51,7
	Padrasto	13,8	13,8
	Madrasta	0	3,4
	Meio-Irmão	10,3	12,1
	Avós	5,2	8,6
	Cônjuge	3,4	1,7
	Outros	6,9	8,5
	Tipo de Trabalho	Alimentação	46,6
Comércio		0	27,6
Escritório		37,9	39,7
Trabalho Braçal		15,5	8,6
Outros		0	15,5
Tempo de Trabalho	3 meses	8,6	36,2
	4 a 11 meses	32,7	41,4
	12 a 22 meses	31,0	13,8
	> 24 meses	32,8	8,6

Instrumentos

- Questionário de Dados Sociodemográficos: composto de 16 perguntas fechadas de múltipla escolha e duas questões abertas (opinião do jovem e de sua família sobre sua situação laboral).
- Entrevista semi-estruturada de *coping*: a entrevista utilizada foi adaptada a partir do modelo de entrevista proposto por Dell’Aglío (2000). Para o presente estudo, foi solicitado o relato de uma situação estressante no contexto trabalho. Além disso, foi acrescentada uma questão referente à controlabilidade do evento estressante, também proposta por Dell’Aglío (2000).

Procedimentos

Para fins de realização da coleta de dados, inicialmente foi realizado o contato com as instituições que oferecem trabalho-educativo. Após o consentimento

destas, foi realizada a entrevista com o responsável pelo projeto e, posteriormente, foi feito o contato com os adolescentes, solicitando consentimento para participação na pesquisa, bem como o consentimento informado dos responsáveis. A seguir, a pesquisadora e um auxiliar de pesquisa realizaram a aplicação coletiva do Questionário sobre Dados Sociodemográficos. Após esta etapa foi realizada pela pesquisadora, individualmente, a Entrevista semi-estruturada sobre *Coping*, gravada em áudio mediante autorização do adolescente.

Após a coleta de dados nas instituições de trabalho-educativo, foi feito o contato com escolas públicas que ofereciam curso noturno (dando preferência para escolas das regiões dos projetos contatados), a fim de obter a amostra de adolescentes que trabalhavam em regime regular. Os procedimentos de solicitação de autorização e de aplicação dos instrumentos seguiram os mesmos moldes do primeiro grupo.

RESULTADOS

As duas questões abertas que abordam a opinião da família do adolescente sobre o trabalho deste e a opinião do próprio jovem sobre seu trabalho foram submetidas à análise de conteúdo (Bardin, 1977), com categorias temáticas obtidas *a posteriori*. Dois juízes participaram do processo de identificação das categorias, obtendo índice de concordância acima de 80%. A seguir, foram calculados os percentuais das categorias, considerando os dois grupos de adolescentes participantes do estudo e, para verificar possíveis diferenças entre sexo e idade, foram realizados Testes de Diferença entre Duas Proporções.

Os resultados serão apresentados a partir de cada questão, inicialmente destacando as descrições das categorias temáticas e, posteriormente, as tabelas dos

percentuais para os diferentes grupos de adolescentes e os resultados referentes a sexo e idade.

Opinião da família sobre a situação ocupacional do adolescente

A opinião da família acerca da condição ocupacional do adolescente foi avaliada de acordo com o ponto de vista do próprio jovem. A fim de explorar essa questão foi formulada a pergunta “O que a sua família pensa de você trabalhar?”. Emergiram oito categorias temáticas (aspecto financeiro, fato positivo, ocupação, ausência de necessidade, necessidade, aprendizado, características pessoais, apoio parcial), além da categoria “outros”. As frequências de tais categorias são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2: Percentuais das Categorias Referentes à Questão “O que a sua família pensa de você trabalhar?” e Resultado do Teste para Diferenças entre Duas Proporções, para a Amostra Total e por Grupo

Categorias	Total	Trabalho Educativo	Trabalho Regular	p
	(n=116)	(n=58)	(n=58)	
	%	%	%	
Aprendizado	25,8	39,6	12,0	0,008*
Aspecto Financeiro	19,8	10,3	29,3	0,01*
Ocupação	18,9	32,7	5,1	0,003*
Fato Positivo	13,7	8,6	18,9	0,08
Caract. Pessoais	12,0	3,4	20,6	0,003*
Apoio Parcial	4,3	1,7	6,8	0,14
Ausência de Necessidade	0,8	0	1,7	0,44
Necessidade	0,8	0	1,7	0,44
Outros	3,4	3,4	3,4	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	-

Pode-se observar que os adolescentes oriundos do trabalho regular apresentaram uma frequência significativamente superior de respostas referentes ao aspecto financeiro do trabalho. Tais resultados corroboraram os achados da literatura que sugerem que o fator econômico é o principal elemento explicativo para a decisão familiar de incentivar o trabalho precoce. A segunda categoria mais frequente de respostas apresenta também o imaginário social de que começar a trabalhar cedo leva ao crescimento (categoria “características pessoais”) (Minayo-Gomez & Meirelles, 1997).

Já os jovens trabalhadores em regime educativo apresentaram uma predominância de respostas refe-

rentes ao aprendizado e à manutenção do tempo ocupado, sendo a frequência de ambas significativamente superiores à frequência das mesmas categorias no grupo de trabalhadores regulares com $p < 0,01$. Tal dado sugere que os projetos sociais têm conseguido, ainda que parcialmente, modificar a representação que a família possui sobre o trabalho do jovem. A primeira categoria que emergiu (“aprendizado”) demonstra uma aproximação do objetivo real dos projetos. Entretanto, as duas categorias imediatamente mais frequentes (“ocupação” e “aspecto financeiro”) ainda refletem a concepção arcaica de que o trabalho significa uma fuga da marginalidade e uma forma de obter sustento econômico (Minayo-Gomez & Meirelles, 1997).

No que diz respeito às diferenças entre os sexos, o Teste de Diferenças entre Duas Proporções indicou que não houve diferenças significativas entre meninos e meninas. Em relação às diferentes idades, os resultados indicaram que os adolescentes de 14 anos apresentaram um número significativamente maior de respostas que referem que a família considera o trabalho deles positivo devido aos benefícios financeiros do que os adolescentes de 15 ($p < 0,01$), 16 ($p < 0,05$) e 17 anos ($p < 0,01$). Tal dado é coerente com as observações já referidas de que a urgência de sustento econômico é o principal propulsor do trabalho precoce (Mello, 1999).

Opinião do adolescente sobre sua situação ocupacional

A opinião do adolescente sobre sua situação ocupacional foi abordada através da questão “O que você pensa de trabalhar?” e permitiu a identificação de oito categorias temáticas (aspecto financeiro, necessidade, aprendizado, características pessoais, estressante, fato positivo, ambiente agradável e ocupação), além da categoria “outros”, que inclui as respostas não contempladas nos demais eixos temáticos. As frequências das categorias acima referidas são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3: Percentuais das Categorias Referentes à Questão “O que você pensa de trabalhar?” e Resultado do Teste para Diferenças entre Duas Proporções, por Grupo

Categorias	Total	Trabalho Educativo	Trabalho Regular	p
	(n=116)	(n=58)	(n=58)	
	%	%	%	
Características Pessoais	22,4	22,4	22,4	1,0
Aspecto Financeiro	26,7	32,7	20,6	0,18
Aprendizado	18,9	22,4	15,5	0,33
Necessidade	6,8	1,7	12,0	0,01*
Fato Positivo	6,8	5,1	8,6	0,40
Estressante	2,5	0	5,1	0,08
Ambiente	6,8	8,6	5,1	0,40
Ocupação	4,3	6,8	1,7	0,10
Outros	4,3	0	8,6	0,02*
Total	100,0	100,0	100,0	-

Pode-se observar que os dois grupos de adolescentes apresentaram como categorias mais frequentes “aspecto financeiro”, “aprendizado” e “características pessoais”, sem diferença significativa entre as frequências. Entretanto, o grupo de adolescentes de trabalho regular apresentou uma frequência significativamente superior nas categorias “necessidade” e “outros”.

As análises referentes a sexo indicaram que as meninas apresentaram um percentual significativamente superior que os meninos de respostas na categoria “fato positivo” (1,5% e 13,7%, respectivamente; $p < 0,01$). O Teste para Diferenças entre Duas Proporções não indicou diferenças entre idades nesta questão.

ESTRATÉGIAS DE COPING

No que diz respeito à análise das estratégias de coping, cada um dos itens investigados na entrevista de coping (tipo de evento estressor, domínio, ação

efetiva e controlabilidade) foi submetido à análise de conteúdo com categorias *a priori*, baseadas na literatura, com exceção do item “tipo de evento estressor”, cujas categorias foram extraídas *a posteriori*. A análise dos itens foi realizada por dois juízes, que obtiveram índice de concordância de 100% nos itens tipo de evento, domínio e controlabilidade e 80% no item ação efetiva.

Após a categorização das respostas, foram calculadas as frequências das categorias de cada um dos itens avaliados, considerando também os dois grupos de adolescentes (trabalho educativo e trabalho regular). A fim de verificar possíveis diferenças entre as frequências das categorias entre os grupos, foi realizado o Teste para Diferenças entre Duas Proporções. Os resultados serão apresentados a seguir, por item.

Categorias referentes ao item “Tipo de Evento”

A partir da consigna “me conta uma coisa ruim que aconteceu recentemente no teu trabalho” emergiram sete categorias temáticas referentes ao tipo de evento estressor descrito pelo adolescente: desavenças com colegas, desavenças com chefia, ameaça de demissão, problemas físicos decorrentes da tarefa, problemas

com a justiça decorrentes da tarefa, dificuldades na execução na tarefa, desaparecimento de objetos e categoria “outros”, que inclui as respostas não categorizáveis. As frequências das categorias acima são apresentadas na Tabela 4, para o total de adolescentes trabalhadores ($n = 116$) e para os dois grupos (trabalho educativo e trabalho regular).

Tabela 4: Percentuais das Categorias para o Item “Tipo de Evento” por Grupo e Resultado do Teste para Diferenças entre Duas Proporções

Categoria	Trabalho Educativo	Trabalho Regular	p
	$n=58$	$n=58$	
	%	%	
Desavenças com colegas	55,2	13,8	0,01*
Dificuldades na execução da tarefa	13,8	32,8	0,08
Desavenças com chefia	10,3	32,8	0,03*
Ameaça de demissão	3,4	10,3	0,27
Desaparecimento de objetos	10,3	1,7	0,14
Problemas físicos decorrentes da tarefa	6,9	3,4	0,52
Problemas com justiça decorrentes da tarefa	0	3,4	0,28
Outros	0	1,7	0,44

Pode-se observar que o Teste para Diferença entre Duas Proporções indicou diferença entre os dois grupos de adolescentes no que diz respeito à frequência das categorias no item “tipo de evento”. Os adolescentes em regime de trabalho educativo apresentaram como categoria mais freqüente “desavenças com colegas”, sendo a diferença para o grupo adolescentes em regime de trabalho regular significativa com $p < 0,01$. Já estes apresentaram como categoria mais freqüente “desavenças com chefia”, sendo a diferença para o grupo de trabalho educativo significativa com $p < 0,05$.

Categorias referentes ao item “Domínio”

A partir da questão “me conta uma situação ruim que aconteceu recentemente no teu trabalho” as respostas foram classificadas considerando-se também quem estava envolvido na situação relatada pelo adolescente. Foram extraídas três categorias: pares, adultos e eu. As frequências das categorias acima podem ser observadas na Tabela 9, para o total de adolescentes que trabalham ($n = 116$) e para cada um dos grupos. Os resultados do Teste para Diferença entre Duas Proporções podem ser visualizados na mesma tabela.

Tabela 5: Percentuais das Categorias para o Item “Domínio”, para a Amostra Total e por Grupo e Resultado do Teste Para Diferenças entre Duas Proporções

Categoria Domínio	Total	Trabalho Educativo	Trabalho Regular	p
	$n=116$	$n=58$	$n=58$	
	%	%	%	
Pares	40,5	62,1	19	0,001
Adultos	44,8	25,9	63,8	0,001
Eu	14,2	12,1	17,2	0,44

Pode-se observar que as categorias diferiram em termos de frequência entre os dois grupos de adolescentes. Enquanto o grupo de trabalho educativo apresentou com mais frequência, no item domínio, a categoria “pares” ($p < 0,01$), o grupo de trabalho regular

apresentou como mais frequência a categoria “adultos” ($p < 0,01$).

Categorias referentes ao item "Ação Efetiva"

O presente item foi examinado a partir da questão "o que você fez quando aconteceu isso?" (*a situação ruim previamente relatada pelo adolescente*). Para fins de categorização, foi considerada válida a primei-

ra resposta do adolescente, sendo que as categorias foram baseadas nas classificações propostas por Ryan-Wenger (1992) e Dell'Aglío (2000). Foram calculadas as frequências das categorias para o total de adolescentes trabalhadores e por grupo, apresentadas na Tabela 6.

Tabela 6: Percentuais das Categorias Referentes ao Item "Ação Efetiva", para a Amostra Total de Adolescentes Trabalhadores, por Grupo e Resultado do Teste para Diferenças entre Duas Proporções

Categoria Ação Efetiva	Total n=116	Trabalho Educativo n=58	Trabalho Regular n=58	p
	%	%	%	
Ação Direta	49,1	46,6	51,7	0,59
Aceitação	27,6	24,1	31,0	0,40
Apoio Social	8,6	12,1	5,2	0,17
Ação Agressiva	6,0	8,6	3,4	0,17
Expressão Emocional	6,0	5,2	6,9	0,65
Reestruturação Cognitiva	2,6	3,4	1,7	0,73

As categorias mais frequentes no que diz respeito à ação efetiva foram "ação direta" (49,1%), "aceitação" (27,6%) e "apoio social" (8,6%). Tais resultados corroboram os dados de Dell'Aglío (2000), com uma amostra de adolescentes. Cabe salientar que o presente estudo trabalhou com estratégias de *coping* no contexto trabalho, o que pode ter relação com o elevado percentual de estratégias "ação direta" e "aceitação", visto que a literatura indica que o contexto no qual se dá o evento estressor é um importante preditor da estratégia que será utilizada (Compas, 1987; Coyne & De Longis, 1986). Pode-se observar, ainda, que não houve diferenças significativas entre os dois grupos de adolescentes em nenhuma das categorias.

A fim de verificar as possíveis interações da variável sexo, foram levantadas as frequências das categorias para meninos e meninas. As análises para a amostra total ($n = 116$), realizadas com o Teste para Diferença entre Duas Proporções, indicaram que os meninos apresentaram uma frequência significativamente inferior que as meninas na categoria "apoio social" ($p < 0,05$) e na categoria "expressão emocional" ($p < 0,01$). Ao passo que revelaram uma frequência significativamente superior na categoria "aceitação" ($p < 0,05$). Tal dado é similar aos resultados encontrados em estudos prévios que indicam que, por questões sociais, os meninos são menos estimulados a desenvolver estratégias que demonstrem emoções (Compas, Malcarne & Fondacaro, 1988; Olah, 1995). Pode-se sugerir que o percentual inferior dos meninos na categoria "apoio social" segue esta mesma direção, visto

que, na maior parte das vezes, os meninos são desestimulados a demonstrar sua dificuldade frente à situação estressora.

Tendo em vista que estudos prévios haviam referido a interação entre os participantes do evento estressor e a estratégia de *coping* utilizada, foram realizadas as frequências das categorias considerando, além dos dois grupos, o domínio na situação estressante. Os resultados indicaram que a categoria "ação agressiva" foi significativamente mais frequente no domínio "pares" do que no domínio "adultos" ($p < 0,05$), enquanto a categoria "aceitação" foi significativamente mais frequente no domínio "adultos" do que no domínio "pares" ($p = 0,01$). Tal resultado é similar ao encontrado no estudo realizado por Dell'Aglío & Hutz (2002), no qual observou-se também uma frequência superior da categoria "ação agressiva", quando o evento havia ocorrido com pares, e uma frequência superior da categoria "aceitação", quando o evento havia ocorrido com adultos. Os resultados do Teste para Diferença entre Duas Proporções, para as análises entre os grupos, indicaram que não existem diferenças na frequência das categorias conforme os domínios entre os adolescentes de trabalho regular e os adolescentes de trabalho educativo.

Categorias referentes ao item "Controlabilidade"

De acordo com a literatura, a avaliação que o sujeito faz sobre sua possibilidade de controlar o evento estressor é um importante preditor da escolha

da estratégia que será utilizada (Blanchard-Fields & Irion, 1988; Compas, Malcarne & Fondacaro, 1988; Folkman, Lazarus, Gruen & De Longis, 1986). A fim de verificar tal hipótese, para o presente estudo foi elaborada a questão “você acha que poderia ter evitado que este problema tivesse acontecido?”. As respostas foram classificadas de forma dicotômica em sim e não. A maior parte dos adolescentes entrevistados (60,3%) considera que não poderia ter evitado que o problema por ele relatado tivesse ocorrido, sendo

que não foram observadas diferenças entre os dois grupos de adolescentes.

A fim de verificar a interação entre controlabilidade e escolha da estratégia, foram levantadas as frequências das estratégias de *coping* de ação efetiva, conforme a possibilidade ou não de controlar o evento estressor. Os resultados podem ser observados na Tabela 7.

Tabela 7: Percentual das Categorias Referentes à Ação Efetiva, considerando a Variável Controlabilidade e Resultado do Teste para Diferenças entre Duas Proporções

	Controlabilidade				<i>p</i>
	sim		não		
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Ação Direta	29	63,0	28	40,0	0,01*
Ação Agressiva	3	6,5	4	5,7	1,0
Apoio Social	3	6,5	7	10,0	0,44
Aceitação	9	19,6	23	32,9	0,12
Expressão Emocional	1	2,2	6	8,6	0,12
Reestruturação Cognitiva	1	2,2	2	2,9	0,74
Total	46	100	70	100	-

A partir do Teste para Diferença entre Duas Proporções, pôde-se observar que a categoria “ação direta” foi significativamente mais freqüente nos eventos avaliados pelos adolescentes como controláveis ($p < 0,01$). Tal resultado corrobora os achados da literatura, que indicam que eventos avaliados como controláveis apresentam uma maior gama de estratégias que buscam modificar o estressor (Blanchard-Fields & Irion, 1988; Compas, Malcarne & Fondacaro, 1988).

DISCUSSÃO

A presente pesquisa buscou verificar o que pensam e como estão lidando com os aspectos referentes ao trabalho os adolescentes em situação de risco social, tanto aqueles que trabalham em empregos regulares quanto aqueles que trabalham em projetos sociais, no regime de trabalho educativo. O perfil de cada um destes grupos será discutido a seguir, destacando-se os aspectos que se revelaram comuns e aqueles que diferenciaram os jovens participantes deste estudo.

Os adolescentes em regime de trabalho regular apresentaram um percentual significativamente superior de eventos estressores envolvendo chefia e, conseqüentemente, adultos. Pode-se pensar que os jovens

oriundos do trabalho regular confrontam-se, cotidianamente, com uma série de situações e exigências típicas de uma estrutura laboral hierárquica. As situações referidas por estes adolescentes centraram-se em relatos de momentos nos quais não conseguiram ou tiveram dificuldades de cumprir a tarefa que lhe foi solicitada e de momentos em que o jovem tinha uma necessidade, como médico ou provas na escola, e não foi liberado para esta atividade. Isso demonstra como os empregadores não fazem distinção entre seus empregados adolescentes e os demais. No caso dos jovens de trabalho educativo, as situações relatadas foram as clássicas da adolescência, como brigas com colegas por uso de apelidos e discussões por quem iria realizar as tarefas menos agradáveis, como limpar o chão.

A maior parte dos jovens trabalhadores, inclusive os oriundos do trabalho regular (51,7%), frente a um evento estressor, utiliza como primeira estratégia busca de modificação do estressor, ou seja, age diretamente sobre o problema, tentando modificá-lo. A preferência por estratégias de *coping* ativo está de acordo com os resultados de Dell’Aglia (2000) e de Williams e De Lisi (2000), em pesquisa realizada com adolescentes de diferentes idades. Segundo os autores,

jovens na etapa intermediária da adolescência apresentam uma preferência por estratégias mais ativas como solução do problema.

Entretanto, 31% dos adolescentes que trabalham em empregos regulares utilizam a estratégia de aceitação, ou seja, frente ao problema não fazem nada e aceitam a situação. Visto que, entre os trabalhadores regulares, não houve diferença entre o percentual das categorias conforme o domínio (pares, adultos e eu), poder-se-ia pensar que o fato da categoria aceitação ter sido a segunda mais referida por estes adolescentes associa-se a fatores de personalidade não avaliados nesta pesquisa (Aldwin & Revenson, 1987). No entanto, este resultado mais o fato de 63,8% dos adolescentes de trabalho regular terem considerado que não teriam como ter evitado o problema relatado, demonstram a influência do contexto (Compas, 1987; Coyne & De Longis, 1986; Hansen & Jarvis, 2000). Uma vez que todos os problemas relatados se deram no ambiente laboral, é natural que a maior parte dos jovens julgue que não teria como ter evitado a situação pelas próprias questões de hierarquia presentes neste.

A diferença entre os gêneros talvez se deva, também, a este fator. Contrariamente à maior parte dos estudos que indica que as mulheres apresentam preferência por estratégias centradas na emoção e os homens optam por estratégias de ação direta (Endler & Parker, 1990; Griffith, Dubow & Ippolito, 2000; Phelps & Jarvis, 1994), nos resultados sobre ação efetiva frente ao evento estressor desta pesquisa, as meninas apresentaram uma preferência por estratégias de “ação direta” e os meninos uma opção pela estratégia “aceitação”. É possível que as atitudes diretas das meninas sejam mais “aceitas”, ou que os empregadores sejam mais flexíveis nas relações com as suas funcionárias. Por outro lado, pode-se pensar que parte dos adolescentes se sintam impelido a não tentar modificar diretamente o problema, mesmo que este tenha ocorrido com um colega de trabalho de idade próxima, por receio de ser mal interpretado e, com isto, perder o emprego.

Tal hipótese é reforçada quando são examinadas as respostas dadas pelos jovens trabalhadores regulares às questões “O que você pensa de trabalhar?”. Segundo a maior parte dos adolescentes deste grupo (26,7%), trabalhar é bom devido ao retorno financeiro, e, daqueles que não priorizam os aspectos financeiros, apenas 2,5% consideram o trabalho estressante. Além disso, um percentual significativamente superior dos adolescentes de trabalho regular percebe o trabalho

como uma necessidade. Nota-se assim que a grande maioria dos jovens considera o trabalho algo positivo ou necessário e, portanto, deve querer manter-se no mesmo. A opção por uma estratégia de modificação direta do estressor pode ser, assim, percebida por parte dos jovens como uma ameaça à manutenção do emprego.

O elevado percentual dos jovens que referem o trabalho como positivo e o fato de que a maior parte das famílias dos trabalhadores regulares considera o trabalho do adolescente um aprendizado (25,8%) lança também um novo olhar sobre o significado do trabalho para os adolescentes em situação de risco. É fato que o aspecto financeiro continua mantendo um papel fundamental tanto para o adolescente quanto para 19,8% das famílias destes. No entanto, o reconhecimento de que o trabalho possui influência sobre o desenvolvimento do jovem (aprendizado e características positivas) oportuniza o debate acerca da qualidade do trabalho que vem sendo exercido por estes adolescentes. Não se sabe o quanto as famílias e os próprios adolescentes são críticos em relação ao tipo de atividade que vem sendo exercida pelos jovens, mas, na medida em que entendem que o trabalho pode trazer mais benefícios além do retorno financeiro, a discussão sobre escolha do tipo de atividade passa a ser possível e uma certa “opção” passa a ser viável – e não apenas o lançamento do adolescente na primeira atividade remunerada que surge.

É certo que, na medida em que os adolescentes já estão empregados, contribuindo para a renda familiar, o reconhecimento de outras faces do trabalho, como o impacto no desenvolvimento de características positivas é muito mais fácil do que para aqueles jovens e famílias cujos adolescentes não estão empregados e em cuja realidade a necessidade de sustento econômico é preponderante a qualquer crescimento pessoal. Entretanto, percebe-se já uma possível linha de trabalho para com estes adolescentes, sem perder de vista que todos os jovens trabalhadores participantes deste estudo eram também estudantes, o que já os coloca em um patamar diferenciado dos milhares de adolescentes deste país que nunca frequentaram a escola ou que a abandonaram. Os adolescentes desta pesquisa, ainda que sejam considerados adolescentes em situação de risco, não possuem como única atividade o trabalho, o que já nos leva a inferir que muitos possuem alguém (familiar ou não) que os instrui, que força ou reforça a importância do aprendizado (mesmo que para um melhor ganho financeiro no futuro) não os deixando apenas trabalhar.

A existência de uma certa estrutura familiar é corroborada pelos dados de caracterização da amostra. A maioria dos jovens que trabalham em empregos regulares (84,5%) mora com a mãe e 58,4% moram com irmãos. Cabe salientar, no entanto, que no grupo de trabalhadores regulares menos da metade dos jovens mora com o pai (46,6%). Embora a amostra não seja suficientemente grande para conclusões definitivas, pode-se pensar na ausência paterna, associada às dificuldades financeiras, como um propulsor para a inserção do adolescente na rede formal de trabalho.

A presença paterna na casa do adolescente se dá em maior grau no grupo de adolescentes em regime de trabalho educativo. Neste, a maior parte dos jovens, diferentemente dos trabalhadores regulares, mora também com o pai (53,4%).

Outra importante característica diz respeito ao tipo de atividade exercida. A maior parte dos adolescentes deste estudo que trabalham no regime educativo exerce atividades na área da alimentação (46,6%). No entanto, observa-se que no outro grupo as atividades de escritório (39,7%) e comércio (27,6%) são preponderantes. Considerando que o objetivo do trabalho educativo é também preparar o jovem para o ingresso no mercado de trabalho formal, cabe o questionamento se o tipo de atividade exercida durante o período do trabalho educativo será realmente válida quando estes adolescentes se depararem com o mercado formal, no qual a demanda parece estar vindo em outra direção. Este fato mostra a importância de estudos que avaliem o impacto de projetos profissionalizantes (Bandeira, 1999).

A melhor avaliação da validade das atividades aprendidas nos projetos para o exercício profissional futuro é um dos fatores pouco examinados nas avaliações dos projetos. Uma vez que a própria avaliação do cumprimento dos objetivos propostos é metodologicamente bastante complexa (Solís-Cámara & Romero, 1989), a avaliação de manutenção do impacto é ainda menos freqüente. Considerando que para muitos adolescentes a vivência do projeto social corresponde à primeira experiência profissional, é possível que muitas das contribuições, ou das ausências de contribuições dos projetos, sejam apenas observadas após um tempo, quando estes jovens depararem-se com o ambiente laboral formal e tiverem que colocar em prática tanto a gama de conhecimentos técnicos quanto as habilidades pessoais trabalhadas nas atividades de trabalho educativo.

O reconhecimento de que o projeto comporta não apenas o aprendizado técnico, mas também o desenvolvimento do jovem como um todo, parece, no

entanto, estar sendo parcialmente valorizado pelos adolescentes participantes deste estudo. Embora 22,4% dos adolescentes tenham referido que trabalhar é bom para o desenvolvimento de características positivas e o mesmo percentual tenha referido que trabalhar é bom pelo aprendizado, a maior parte dos adolescentes de trabalho educativo referiram que trabalhar é bom pelo aspecto financeiro (32,7%). Tal resultado pode ser compreendido a partir da própria seleção dos jovens que são integrantes dos projetos, já que, conforme mencionado anteriormente, os projetos priorizam adolescentes que vivenciam condições realmente difíceis de vida e que, naturalmente, precisam muito do retorno financeiro. No entanto, deixa espaço também para a reflexão de como as atividades chamadas básicas (não-técnicas) têm se integrado à experiência profissional do adolescente.

Esta integração parece estar sendo efetivamente cumprida no que diz respeito às famílias. Ainda que 32,7% das famílias considerem que trabalhar é bom porque mantém o adolescente ocupado, o que ainda reflete um modelo difundido no Brasil na época da revolução industrial (Minayo-Gomes & Meirelles, 1997), segundo a maior parte das famílias dos adolescentes de trabalho educativo, trabalhar é bom pelo aprendizado (39,6%). Cabe salientar que todos os coordenadores dos projetos entrevistados neste estudo referiram que a realização de reuniões periódicas com a família é uma das atividades executadas, o que pode estar fazendo com que tais famílias tenham uma nova percepção sobre o trabalho adolescente e um percentual significativamente inferior às famílias dos trabalhadores regulares considere que o trabalho do jovem é importante pelo aspecto financeiro.

REFERÊNCIAS

- Aldwin, C. & Revenson, T. (1987). Does coping help? A reexamination of the relation between coping and mental health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(2), 337-348.
- Antoniazzi, A., Dell'Aglio, D. & Bandeira, D. (1998). O conceito de *coping*: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294.
- Ayers, T., Sandler, I., West, S. & Roosa, M. (1996). A dispositional and situational assessment of children's coping: Testing alternative models of coping. *Journal of Personality*, 64(4), 923-957.
- Bandeira, D. (1999). *Avaliação de um projeto social do ponto de vista do desenvolvimento psicológico de seus participantes*. Tese de Doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

- Bardin, L. (1977). Análise de Conteúdo. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.) São Paulo: Martins Fontes (Original Publicado em 1977).
- Blanchard-Fields, F. & Irion, J. (1988). Coping strategies from the perspective of two developmental markers: Age and social reasoning. *Journal of Genetic Psychology, 149*(2), 141-151.
- Carson, D. & Bittner, M. (1994). Temperament and school-aged children's coping abilities and responses to stress. *The Journal of Genetic Psychology, 155*(3), 289-302.
- Carver, C. & Scheier, M. (1994). Situational coping and coping dispositions in a stressful transaction. *Journal of Personality and Social Psychology, 66*(1), 184-195.
- Compas, B. (1987). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin, 101*(3), 393-403.
- Compas, B., Malcarne, V. & Fondacaro, K. (1988). Coping with stressful events in older children and young adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 56*(3), 405-411.
- Coyne, J. & De Longis, A. (1986). Going beyond social support: The role of social relationships in adaptation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54*(4), 454-460.
- Dell'Aglio, D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes*. Tese de Doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Dell'Aglio, D. & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de coping de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e com adultos. *Revista de Psicologia da USP, 13*(2), 203-225.
- Endler, N. & Parker, J. (1990). Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(5), 844-854.
- Folkman, S., Lazarus, R., Gruen, R. & De Longis, A. (1986). Appraisal, coping, health status and psychological symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*(3), 571-579.
- Folkman, S. & Lazarus, R. (1985). If it changes it must be a process: Study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*(1), 150-170.
- Griffith, M., Dubow, E. & Ippolito, M. (2000). Developmental and cross-situational differences in adolescents coping strategies. *Journal of Youth and Adolescence, 29*(2), 183-203.
- Hansen, D. & Jarvis, P. (2000). Adolescent employment and psychosocial outcomes. *Youth and Society, 31*(4), 417-436.
- Landazabal, M. (2001). Intervención con adolescentes: impacto de um programa em la asertividad y em las estrategias cognitivas de afrontamiento de situaciones sociales. *Psicologia Conductual, 9*(2), 221-246.
- Lazarus, R. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York, NY: Springer Publishing Company.
- Lees, M. & Neufeld, R. (1999). Decision-theoretic aspects of stress, arousal and coping propensity. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*(1), 185-208.
- Mello, S. (1999). Estatuto da criança e do adolescente: É possível torná-lo uma realidade psicológica? *Psicologia USP, 10*(2), 1-9.
- Minayo-Gomez, C. & Meirelles, Z. (1997). Crianças e adolescentes trabalhadores: Um compromisso para a saúde coletiva. *Cadernos de Saúde Pública, 13*(2), 1-10.
- Olah, A. (1995). Coping strategies among adolescents: A cross-cultural study. *Journal of Adolescence, 18*, 491-512.
- Phelps, S. & Jarvis, P. (1994). Coping in adolescence: Empirical evidence for a theoretically based approach to assessing coping. *Journal of Youth and Adolescence, 23*(3), 359-371.
- Roth, S. & Cohen, L. (1986). Approach, avoidance and coping with stress. *American Psychologist, 41*(7), 813-819.
- Ryan-Wenger, N. (1992). A taxonomy of children's coping strategies: A step toward theory development. *American Journal of Orthopsychiatric, 62*(2), 256-263.
- Sarriera, J. (1993). Aspectos psicossociais do desemprego juvenil: Uma análise a partir do fracasso escolar para intervenção preventiva. *Psico, 24*(2), 23-39.
- Solís-Cámara, P. & Romero, M. (1989). Enriquecimiento instrumental em escolares: Evaluacion por meta-métodos de um programa piloto. *Revista Latinoamericana de Psicologia, 21*(3), 315-347.
- Williams, K. & De Lisi, A. (2000). Coping strategies in adolescents. *Journal of Applied Developmental Psychology, 20*, 537-549.

Recebido: 15/04/2005
Revisado: 02/03/2006
Aceito: 01/05/2006

Notas:

- ¹ Optou-se por não traduzir *coping*, uma vez que inexistente, em português, uma palavra que represente a amplitude deste termo. Possíveis traduções seriam "lidar com" e "enfrentamento".

Sobre as autoras:

Adriane Xavier Arteche: Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento UFRGS; Professora da URI/FW – Endereço eletrônico: darteche@terra.com.br

Denise Ruschel Bandeira: Doutora em Psicologia pela UFRGS, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS – Endereço eletrônico: drbandei@terra.com.br
